

São Francisco: arte, fotografia e cotidiano¹

Caroline Kwasnicki PEREIRA²

Carolina Fernandes da Silva MANDAJI³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

A Rua São Francisco, uma das mais antigas de Curitiba, carrega muitas histórias em suas calçadas. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre os temas fotografia e memórias, retratando, para isso, elementos do cotidiano, através do projeto “Rua São Francisco: histórias e memórias” desenvolvido como um ensaio fotográfico. Um conjunto de fotos que busca retratar a arte urbana, no contexto do cotidiano e histórico da rua, o que propõe o apreender de novos sentidos perante as obras, as fotos, as pessoas e as memórias.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Arte urbana; Curitiba; Cotidiano; Memória.

1 INTRODUÇÃO

Pela Rua São Francisco⁴, localizada no Centro Histórico de Curitiba-PR, já se foram tantos passos que carregam as mais diferentes histórias. A rua está no coração da cidade, sendo assim, uma das mais tradicionais e antigas de Curitiba, com mais de 150 anos. Recentemente, a rua passou por uma revitalização, que buscou, além de preservar suas histórias, trazer melhorias para a região. Ainda é possível contemplar seus aspectos históricos, como a antiga calçada, as fachadas e janelas.

O Projeto “Arte Urbana Memórias de Curitiba”, através do evento “Rua São Francisco - Histórias e Memórias” (ANEXO 1), foi uma realização da Associação

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Ensaio fotográfico artístico (conjunto).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional, email: caroline.kwasnicki@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional, email: cfernandes@utfpr.edu.br.

⁴ No ano de 1857, Curitiba tinha 12 vias importantes, pelas quais a população passava diariamente, entre elas a Rua do Fogo. Antes de se tornar a tradicional São Francisco, a via tinha seu cenário marcado por senhoras que se aproveitavam das pensões ou “casas de cômodo” próximas com o intuito de ganhar a vida através do que viria a ser chamado de lenocínio, ou mesmo, cafetinagem. As perturbações da Rua do Fogo não tiveram fim. Após pressão da Câmara e de políticos, a via passaria a se chamar São Francisco, com o objetivo de trazer um conceito mais moral e de respeito ao local. Disponível em <http://curitibaspace.com/especiais-curitiba/rua-sao-francisco-curitiba320anos-8>, acessado em 31/03/2014.

Comercial do Paraná (ACP) e produção executiva da Mucha Tinta, que teve como objetivo colorir as portas dos comércios do local, promovendo e valorizando a região.

Esta realização instigou o desenvolvimento de um projeto fotográfico no qual se prioriza o cotidiano. O objetivo era refletir sobre o fotografar, entendendo antes disso, a fotografia a partir do próprio sentido da palavra, que “vem da junção das palavras gregas *photos*, que significa luz e *grafia*, que quer dizer escrita ou maneira de escrever. Fotógrafo é o indivíduo que escreve por meio da luz – ou da ausência dela” (MOLETTA, 2009, p. 69). Sendo assim, o presente ensaio fotográfico buscou apresentar imagens da abertura do evento, do momento em que as portas começaram a ser pintadas, bem como algumas obras finalizadas com seus respectivos autores.

A ideia das fotos começou com a proposta de uma atividade prática na disciplina de Linguagem Visual II do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da UTFPR. A atividade tinha como proposta realizar um ensaio fotográfico com a temática “Cores, luzes e cotidiano”, no qual deveria ser dada atenção aos caminhos percorridos no nosso cotidiano, buscando um olhar mais atento para essas nossas vivências, utilizando para isso, como forma de se expressar, a linguagem fotográfica e seus elementos.



Figura 1- Ilustrador Guilherme Caldas, realizando sua pintura em uma das portas da Rua São Francisco

Devido ao resultado satisfatório, posteriormente o ensaio concorreu e sagrou-se vencedor na categoria “Melhor Conjunto Fotográfico” do IMAGINE - Concurso Sentidos da Comunicação - edição do primeiro semestre de 2013, evento tradicional que premia os principais trabalhos desenvolvidos por alunos do Curso.

Pensar sobre a arte e a história de uma rua do centro da cidade a ser revitalizada e colorida por artistas contemporâneos nos remete à obra de Philippe Dubois “O ato fotográfico e outros ensaios” (2001), uma vez que a fotografia, seja de ruas ou de pessoas, de obras de arte ou de fatos jornalísticos, está constantemente transmitindo e produzindo sentidos, nos mais diversos contextos. A fotografia nos possibilita inúmeras leituras e novas significações.

Trata-se de compreender que esse espaço da cidade pode ser visto como uma galeria a céu aberto, pela qual cada pessoa que passar e por um instante, num olhar mais atento às portas pintadas, ou as fotos produzidas, novas histórias e memórias podem ser construídas, como afirma Dubois, “Uma foto é sempre uma imagem mental. Ou, em outras palavras, nossa memória só é feita de fotografias” (DUBOIS, 2007, p. 314). Pela singularidade do evento, o ensaio fotográfico propõe também equivaler como uma lembrança para os que estiveram presentes no dia do evento, e para os outros, a possibilidade de ver nas fotografias o imaginário do real, ou seja, imaginar o processo de criação que resultou nas pinturas nas portas de aço, e que histórias e memórias cada uma pode revelar.

2 OBJETIVO

Tem-se como objetivo principal contextualizar o espectador no mundo de significações que a rua, com suas recentes portas coloridas de história, pode causar. Mostrar desde a produção das obras, a relação do artista com sua pintura, até a mostra final da Rua São Francisco, salientando que cada porta pode representar um tempo diferente, para cada um que passar pelas antigas calçadas do Centro Histórico de Curitiba.

3 JUSTIFICATIVA

As obras a céu aberto da Rua São Francisco foram escolhidas para o ensaio fotográfico por ser uma proposta de arte diferenciada e especial, para que assim, aliando o grafitti, o design e a fotografia, o resultado também tenha essa característica peculiar. "Os lugares são histórias, fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade

por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera [...]” (CERTEAU, 1998, p. 189), assim, através de várias linguagens de arte propostas pelos artistas, as pinturas das portas de aço promovem o resgate histórico de símbolos importantes para a cidade, e as fotografias feitas tiveram o poder de registrar o processo, *congelando* a ação e valorizando o projeto, a rua e o trabalho dos artistas locais.

Foi possível também unir o interesse pela arte, pela comunicação, pela linguagem visual e pela fotografia. Imagens que expressam algo findado, ou seja, as portas foram pintadas naquele contexto, com aquelas circunstâncias, apenas uma vez. Assim, as fotografias feitas na inauguração do evento apresentam uma realidade única, que não irá se repetir. Até mesmo as portas de aço pintadas podem sofrer danos através de pichações que danificam as obras originais. O ensaio fotográfico possibilitou, assim, novas memorações, dando movimento às obras fixas, uma vez que as fotos podem ser deslocadas, copiadas e reproduzidas diversas vezes, tornando memorável um registro do passado.

Proporcionar a perpetuação das imagens permitirá a cada novo olhar, sobre o registro ou sobre as obras realizadas na Rua São Francisco, novas interpretações e contemplações.

Essa referencialização da fotografia inscreve o meio no campo de uma pragmática irreduzível: a imagem-foto torna-se inseparável de sua experiência referencial, do ato que a funda. Sua realidade primordial nada diz além de uma afirmação de existência. A foto é em primeiro lugar índice. Só depois ela pode tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (simbólico). (DUBOIS, 2007, p. 53)

Com isso, as fotos irão adquirir sentido, uma vez que reproduzem como se sucedeu o processo de criação das obras na Rua São Francisco. As portas pintadas, os artistas, o contexto histórico da rua e da região permanecem unidos na imagem-foto, o que possibilitou o desenvolvimento de uma ideia expressa em linguagem visual coesa que busca retratar toda a experiência proporcionada pela ação “Rua São Francisco - Histórias e Memórias”.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

As fotografias foram tiradas durante a pintura das portas de aço da Rua São Francisco, em Curitiba, entre as ruas Riachuelo e Presidente Faria. O equipamento utilizado foi uma Canon T3i, lente 18-135mm, com a luz ambiente, sem o uso de flash. O registro do

evento e a realização das pinturas propõem uma relação com o contexto no qual elas acontecem, retratando assim, características históricas ou memórias da região do centro histórico curitibano.

Portanto a imagem fotográfica vem sendo utilizada como representação especular do real – com legitimidade de documento –, dentro da premissa de ter recortado um instante único e isolado uma porção de extensão do visível. Isto é, um fragmento de determinado momento (tempo) em determinado lugar (espaço). (AVANCINI, 2011, p. 50)

Assim, se as mesmas obras, por exemplo, fossem pintadas em outra região da cidade, fora do seu contexto inicial, o ensaio seria outro, visto que a imagem está além do gesto da produção, e compreende a recepção e a sua contemplação.

As imagens registradas permitem que o espectador conheça o cenário da Rua São Francisco, os artistas, como as pinturas foram sendo realizadas, para depois, aliar ao seu repertório pessoal e desenvolver as próprias significações percebidas nas fotografias e nas pinturas das portas de aço.

5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO

O processo do ensaio fotográfico das obras realizadas nas portas de aço das lojas da Rua São Francisco consiste no registro do evento, dos artistas realizando suas respectivas obras e de quais foram suas intenções.

Em entrevistas durante o evento, alguns artistas comentaram suas obras. O ilustrador Guilherme Caldas, por exemplo, buscou retratar a bicicleta em seu painel. Um símbolo da ligação entre passado e futuro. Uma opção de transporte cada vez mais utilizada e incentivada, que existe há tempos nas ruas curitibanas. Já Caio Beltrão prestou uma homenagem às pessoas anônimas, que ao longo da história, construíram a identidade diurna e noturna do local. De dia as lojas e restaurante movimentam a rua; à noite, os bares trazem a boêmia.

O artista Claudio Celestino Dimas retratou a figura do Barão do Serro Azul, em homenagem ao maior exportador de erva-mate do Paraná. Ildefonso Pereira Correia (1849 - 1894), como era seu nome, nasceu em Paranaguá e sua residência mais conhecida é hoje o Espaço Cultural Solar do Barão. Já o artista Luiz Fuja buscou retornar ao passado com um estudo sobre mosaico e azulejaria do século passado. Para ele, cada desenho é único e

podem ter várias interpretações, motivando as mais diferentes pessoas que passam pela rua, com lembranças peculiares e especiais do passado.

Assim, mais do que um registro das obras finalizadas, temos a possibilidade de criar significações singulares baseadas no conhecimento do projeto como um todo. As fotos escolhidas para compor o conjunto fotográfico englobam as mais diversas situações do evento, para situar o espectador. Com isso, foi ressaltado nas imagens a ligação do artista com sua obra, os materiais utilizados e o cenário em que a ação ocorre.



Figura 2 - Obra em processo de finalização, e conta em sua composição com os materiais utilizados

A composição das fotografias visa enquadrar a execução da obra, com o artista. Para isso, foram explorados planos e ângulos que torna-se a produção interessante e dinâmica. O uso de cores também é importante para a composição, propondo ao espectador sensações diferentes com cada imagem.

As fotos do conjunto fotográfico também buscam ressaltar o cotidiano, de como o projeto criativo se desenvolveu no meio urbano, mostrando quem são os anônimos responsáveis pelas obras.

Cansados dos retratos da classe dominante ou das imagens de dor nos periódicos ilustrados, durante a Guerra Civil Espanhola ou a II Guerra Mundial, os fotógrafos humanistas, que tinham Paris como epicentro criativo, exaltaram a vida – e a paz –, produzindo imagens de anônimos do cotidiano urbano. As fotos estavam mais próximas de capturar a essência humana do que as imagens objetivas da imprensa. (AVANCINI, 2011, p. 58)

O que se pretendia era retratar imagens com olhar mais pessoal e que pudessem mostrar aos espectadores as paisagens urbanas em meio ao cotidiano. Com essa prática, de fotografar o cotidiano de uma maneira mais humanizada e pessoal, percebe-se uma nova perspectiva no ato de fotografar. Mais do que captar o passado e registrar um evento, busca-se uma significação do vivido, que pode contar com novas formas de composição e novos objetivos e sentidos.

6 CONSIDERAÇÕES

Percebendo as intenções dos artistas, foi possível montar um ensaio fotográfico que enfatizasse a relação da obra com o artista, bem como o contexto histórico da região. Acompanhar o processo de criação das pinturas, e registrar esses momentos, também proporcionou ao ensaio uma singularidade, uma vez que foi um evento inédito. A galeria, essa sim, estará sempre lá, fixa, como parte da cidade, no entanto, as obras que foram feitas durante o ensaio, em seu contexto de criação, essas não, se tornam presente apenas nas fotografias.

O conjunto fotográfico também é relevante para valorizar o trabalho dos artistas locais e a arte urbana, promovendo o interesse nas pessoas em conhecer a região e as obras realizadas. A fotografia do cotidiano possui essa função, de “voltar a cidade para o cidadão, respeitar a si e aos outros” (AVANCINI, 2011, p. 59), além de proporcionar novas significações para as obras, envolvendo cada repertório pessoal e cada contexto histórico. As fotografias eternizam os momentos, e assim, as histórias e memórias da Rua São Francisco são perpetuadas pela galeria a céu aberto, e através de sua criação registra no conjunto fotográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVANCINI, Atílio. **A imagem fotográfica do cotidiano:** significado e informação no jornalismo. IN: Brazilian Journalism Research, volume 7, número 1, 2011. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/285/267>, acessado em 02/03/2014.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico.** Tradução Marina Appen-Zeller. 10ª edição, São Paulo: Papirus, 2007.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital:** uma proposta para a produção a baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

ANEXO 1



SÃO FRANCISCO
CURITIBA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

23
JUNHO
(DOMINGO)
8h / 20h

PINTURA DAS PORTAS DE AÇO DA RUA SÃO FRANCISCO
ENTRE AS RUAS RIRCHUELO E PRESIDENTE FARIAS,
POR ARTISTAS DE VÁRIAS LINGUAGENS DA ARTE,
DESDE O GRAFFITI ATÉ O DESIGN
(EM CASO DE CHUVA, O EVENTO OCORRERÁ
NO DIA 30 DE JUNHO, NO MESMO HORÁRIO)

COORDENAÇÃO: ELIZABETH SAMPSON PROBERT

REALIZAÇÃO
OIO ACP
ASSOCIAÇÃO CURITIBA DE ARTE VISUAL

PATROCÍNIO
SANEPAR
SANEAMENTO DE PARANÁ

INCENTIVO
CULTURA
MUNICÍPIO DE CURITIBA
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

PRODUÇÃO EXECUTIVA
MUYA TINTA